



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10977 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 01 - Educação Intercultural e Decolonialidade na Amazônia

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA “ITAPUTYR” E O ENSINO DE FILOSOFIA: UM OLHAR DECOLONIAL E INTERCULTURAL

Henrique de Moraes Junior - UEPA - Universidade do Estado do Pará

Ivanilde Apoluceno de Oliveira - UEPA - Universidade do Estado do Pará

Fabíola Barroso Cabral - UEPA - Universidade do Estado do Pará

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fundação Amazônia de Amparo à Estudos e Pesquisas do Estado do Pará (FAPESPA).

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA “ITAPUTYR” E O ENSINO DE FILOSOFIA: UM OLHAR DECOLONIAL E INTERCULTURAL

INTRODUÇÃO

O colonialismo civilizador, mercantil, político e educacional da coroa portuguesa estabelece a diferença cultural indígena desde o período do Brasil Colonial do século XVI, porém com resistência e com luta decolonial do movimento indígena, com apoio de Organizações Não-Governamentais e de uma parcela da Sociedade Civil brasileira vem enfrentando essa dominação. A Educação Intercultural destaca a possibilidade do diálogo entre as culturas, respeitando as diferenças culturais com igualdade e com vistas a negociar os conflitos por meio de interações formativas na política educacional brasileira indigenista, provocado pela Constituição Federal Brasileira, na década de 1980.

Em 1998, o Ministério da Educação lançou o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, cujo objetivo era promover uma educação: intercultural, comunitária, bilíngue, específica e diferenciada. Vale ressaltar, que a categoria “intercultural” consiste em promover uma situação de comunicação entre experiências socioculturais, linguísticas e históricas diferentes, (re)afirmadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, de 2013, no Ensino Médio por meio da flexibilidade com a Base Nacional Comum interdisciplinar e contextual (BRASIL, 1997).

Nesse sentido, o Ensino de Filosofia compõe a Base com os Parâmetros Curriculares Nacionais na área de Ciências Humanas e suas Tecnologias (BRASIL, 1997). O documento “Parâmetros curriculares nacionais: filosofia” estabelece que o Ensino de Filosofia tem a competência de promover condições para o trabalho, a cidadania com habilidades reflexivas através das leituras de textos filosóficos da tradição histórica ou temática europeia.

Todavia, apesar de apresentar em seu currículo o intercultural, as escolas indígenas dialogam suas visões de mundo e de práticas culturais com o conteúdo do Ensino de Filosofia? Ou ignora a incorporação de identidades Outras pela retórica multicultural de assimilação (CANDAUI, 2008) e intercultural funcional de integração ao sistema dominante (WALSH, 2009)?

A Rede Modernidade/Colonialidade Latino-Americana, composta por um conjunto de intelectuais com a argumentação de que a modernidade é fruto do colonialismo, questiona a dominação europeia, por meio do Ensino de Filosofia, ao compreender que a tradição eurocêntrica inviabiliza o diálogo entre tradições filosóficas ao promover a colonialidade do saber pela invasão cultural e pela negação da alteridade filosófica indígena. A interculturalidade crítica, então, na visão de Walsh (2009) é fundamental ao (re)conhecer a dominação e as relações de poder e de propor transformações com respeito, igualdade epistêmica, filosófica, educacional e social.

Afinal a dialética hegeliana negativa da totalidade filosófica universal nega a alteridade filosófica indígena, que resolve os problemas cotidianos tendo por base o que Dussel (2016) denomina de núcleos universais problemáticos (os conjuntos de perguntas fundamentais para o desvelamento do mundo e da vida em comunidade), que possibilitam a compreensão e a explicação dos fenômenos e que estão diretamente interligados com as sabedorias e as memórias ancestrais. O pensamento decolonial, segundo Mignolo (2003) ao estabelecer um giro decolonial; ou seja, a transformação global da modernidade com os saberes dos sujeitos colonizados, viabiliza o diálogo intercultural e educacional libertador de fronteira filosófica.

Nesse sentido, compreendemos que na Amazônia Paraense o Ritual Formativo de passagem à vida adulta do Mingau (kàwí’u haw) e do Moqueado (wyrá’u haw) do Povo Tembé Tenetehara expressa os núcleos universais, suas sabedorias, suas memórias ancestrais filosóficas e seus processos educacionais. Na Escola Indígena “Itaputyr” os saberes filosóficos, educacionais e culturais do Povo Tembé Tenetehara dialogam com o Ensino de Filosofia ministrado no Ensino Médio? O objetivo deste estudo é analisar de que forma os saberes filosóficos, educacionais e culturais do Povo Tembé Tenetehara se relacionam com os saberes filosóficos da tradição europeia do Ensino de Filosofia nos processos pedagógicos e curriculares da Escola Estadual Indígena de Ensino Médio “Itaputyr”.

METODOLOGIA

O estudo se caracterizou pela pesquisa de campo de abordagem qualitativa. O método de pesquisa foi o analético de Dussel (1974) que reconhece o rosto e a palavra do Outro além da dialética excludente da alteridade ou da exterioridade do sistema-eurocêntrico. O *Locus* de Investigação foi a Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio “Itaputyr”, localizado na Terra Indígena Alto Rio Guamá, no Município de Capitão Poço do Estado do Pará e o sujeito Interlocutor do Estudo foi o Professor de Filosofia do Ensino Médio da escola pesquisada.

Os Procedimentos Metodológicos foram constituídos de: levantamento bibliográfico com as temáticas sobre “Educação Escolar Indígena”, “Teoria Decolonial”, “Filosofia da Libertação”, “Filosofia Indígena”, “Filosofia Intercultural”, “Ensino de Filosofia”, “Interculturalidade e Educação” e “História do Povo Tembé Tenetehara, seu modo de vida e o Ritual da Festa do Mingau (kàwi'u haw) e do Moqueado (wyrá'u haw)”.

Na análise documental se buscou compreender a presença da colonialidade e/ou interculturalidade no plano de aula do Ensino de Filosofia. A entrevista dialógica freireana, seguiu um roteiro de perguntas, com vistas a identificar se há ou não o diálogo intercultural filosófico entre os saberes de tradição europeia no Ensino de Filosofia e os saberes filosóficos, culturais e educacionais Tembé Tenetehara.

As sistematizações e as análises dos dados foram efetivadas por meio de técnicas da análise de conteúdo de Bardin (2002) por meio de categorias analíticas e temáticas descritas e analisadas por Oliveira e Mota Neto (2011), entre as quais: Colonialidade do Poder, de Gênero, do Ser, da Memória, do Saber e da Natureza; Decolonialidade; Filosofia da libertação; Filosofia Indígena; Educação Intercultural; Educação Escolar Indígena; e Ensino de Filosofia. Cuidados Éticos foram realizados com os interlocutores bem como a postura ética dos pesquisadores com a investigação científica.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

O estudo realizado nos anos de 2020 e 2021 evidenciou a ausência dos saberes culturais, filosóficos e educacionais do Povo Tembé no Ensino de Filosofia na Escola ‘Itaputyr’ ao focar apenas na filosofia eurocêntrica, não relacionando com a realidade cultural dos alunos Teneteharas, negando os Tembés como sujeitos produtores e possuidores de saberes filosóficos e educacionais.

Os Tembés na Festa do Mingau (kàwi'u haw) e do Moqueado (wyrá'u haw) apresentam narrativas míticas referentes aos seus saberes e suas cosmovisões que fazem parte da formação sócio-espiritual e educacional dos guerreiros comunitários como podemos observar no quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Saberes e Cosmovisão Tembé Tenetehara

<p>A narrativa mítica do “Mito Tupi-Guarani da Criação do Mundo” é fundamental para compreender a cosmovisão Tembé, ao evidenciar sua relação ancestral e cosmologia ontológica de totalidade na relacionalidade com os animais, os universos, as constelações, as luzes, as corujas, os colibris, as dimensões, os gaviões, os cantos, os sagrados, os cachimbos e as tartarugas. Como também, com o planeta terra, os não-humanos, os sobrenaturais, os encantados, as divindades, as montanhas, os vales, os rios, as cachoeiras, os seres humanos, as palmeiras, as raízes, as rochas, os poentes, as nascentes, as onças, os cheiros, as grutas, as serpentes, os chãos, as poeiras, os barros, os corpos, os cristais, as pedras, as plantas, os pássaros, os peixes, todos os seres criados: da água, do céu e da terra. Nesse sentido, desvela que a ontologia ameríndia é a humanidade e não a animalidade, assim surgindo todos os seres por uma força vital da Mãe Terra que permeia tudo dando uma continuidade metafísica universal de humanidade na interconexão e descontinuidade da ação física do corpo entre a existência dos seres do cosmo, do sobrenatural, do natural e do social. Consiste isso, na diferença do aspecto de vista corporal e do cultural dos <i>“habitus”</i>, subsumindo organicamente na autorregulação da natureza e da cultura de relacionalidade descritos ou narrados oralmente pela mitologia, e não sua separação ou dicotomia.</p>
<p>Segundo Coelho (2014) a narrativa mítica da “Criação do Surubim” através da menina moça, na Festa do Ritual do Mingau (Kàwi'u haw), é fundamental para entender a Cultura Tembé, visto que a Mãe D'água (Ywan) é uma <i>“Karowara”</i> não-humana, sobrenatural, encantada e divindade dona, conservadora e protetora dos espaços das águas, dos rios e dos igarapés, e que mantém relação, relacionalidade e contato com os humanos. Nesse sentido, a <i>“Karowara”</i> ataca os humanos por conta de transgressões de não complementaridade; ou seja, ausência de convivência em equilíbrio e de reciprocidade que refere-se à ação e reação entre os elementos em totalidade; em relação a uma prática social e espiritual da vida que não pautou-se no equilíbrio mútuo, como banhar ou pescar através do arpão, da tarrafa ao jogar a rede no rio, da tapagem com <i>“matapi”</i> na cheia, quando as águas inundam a entrada do igarapé (COELHO, 2014). Também, do arrasto ao pescar o peixe com uma isca no anzol em horários inapropriados, deste jeito tornando-se perigosas aos humanos como também causando doenças, ela rouba a <i>“Karowara”</i> humana e leva para o fundo das águas, somente, o <i>“Pajé”</i> pode se comunicar ou fazer correspondência com a Mãe D'água (Ywan) é ir até o espaço não-humano e trazer a <i>“Karowara”</i> ao dono ou a cura (COELHO, 2014). O autor ainda afirma, que as <i>“Karowaras”</i> do Curupira (Marana) e da Matim (Ywa), donos e protetores das matas e das florestas, são também perigosos para os humanos, pois, uma vez que não há complementaridade e reciprocidade em relação aos animais encontrados mortos, sem os devidos tratamentos, significa um mal sinal; geralmente respeita-se o corpo animal. Dado que se não a <i>“Karowara”</i> (Piwara) deste pode vir a atacar aquele que tocou o corpo ou familiares deste, assim somente o <i>“Pajé”</i> pode controlar essas <i>“Karowaras”</i>, como pedido de desculpa, de respeito e de proteção (COELHO, 2014). O <i>“Pajé”</i> é o <i>“Xamã”</i>, que tem a capacidade de ver os Outros seres; isto é, as <i>“Karowaras”</i> ou <i>“Xamãs”</i>, ao cruzar barreiras corporais por meio de condições específicas e controladas, realizando o diálogo de correspondência ou harmonia entre os elementos em totalidade transespecífica espiritual; ou seja, a <i>“pajelança”</i> que é o <i>“xamanismo”</i>. Deste modo, implicando uma Outra lógica de sabedoria, de conhecimento e de epistemologia; pois o <i>“Pajé”</i> se intenciona na contradição interpretativa ao conhecer por meio da personificação ou experimentação, ao tomar o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido trazendo a sabedoria. Cabe destacar, que os seres humanos, os não-humanos, os sobrenaturais, os encantados e as divindades são interconectados através da metafísica universal da humanidade da Mãe Terra e exercem características de ações sociais diferentes. Dessa forma, admitindo a dimensão social dessas relacionalidades em comunicações e ensinamentos <i>“xamânicos”</i> das <i>“pajelanças”</i> entre saberes das plantas que curam, os espíritos que interferem nas práticas, condutas e valores existenciais humanos, para o bem ou para o mal, em autorregulação e na ciclicidade.</p>
<p>A narrativa mítica da “Subida do Céu Tembé” é fundamental para compreender a noção de Antropologia Filosófica do sujeito, a partir das experiências coletivas (COELHO, 2014) em reciprocidade social e espiritual, na Cultura Tembé em relação a realização das atividades na perspectiva de compartilhamento e de união solidária, equilibrada e assistência mútua em ajudar, ser ajudado e estendendo-se às lutas cotidianas, pois metaforicamente o céu torna-se o bem comum da vida coletiva, dessa forma o morcego significa a possibilidade de punição ao egoísmo em relação ao comunitário (SILVA, 2020). Para Coelho (2014) essa punição pode não alcançar o céu de Maíra por não ter sido um excelente guerreiro em ajudar e lutar pelo bem comum do grupo; ou seja, não seguiu, exerceu e praticou as virtudes ou valores morais ecoéticos como de sabedoria, de vigor, de audácia, da solidariedade, de jovialidade, de perspicácia, de astúcia e de coragem em complementaridade que são quesitos aos que desejam morar no céu de Maíra e voltar para a Festa do Moqueado (Wyra'u haw).</p>

Fonte: Elaborado pelos Autores (2022).

O quadro 1, apresentam, as narrativas míticas, as relações ontológicas com os não-humanos e a espiritualidade que (re)afirmam os saberes simbólicos da memória territorial e das práticas culturais ancestrais antepassadas e (re)passadas por meio da oralidade dos anciãos, dos pajés, dos caciques e das lideranças em geração no fortalecimento cultural de

resistência ecoético e político do sujeito eco-estético-sófico-corporal-pedagógico-decolonial-ético-político para o “Bem Viver” no enfrentamento das invasões históricas e proteção da biodiversidade das florestas e da união do Povo Tembé.

Observou-se que essa riqueza de saberes e de práticas culturais Tembé não são tratadas na perspectiva intercultural crítica no Ensino de Filosofia, não existindo um diálogo efetivo entre os saberes europeus e os saberes Tembés. O que se identificou foram alguns (re)conhecimentos de saberes Teneteharas como da moral no plano de aula no quadro 2 abaixo e da espiritualidade Tembé na entrevista com o Professor de Filosofia no fragmento abaixo, que apontam perspectivas para possíveis vivências decoloniais que abrem caminhos para uma educação decolonial libertadora e relações interculturais críticas na Educação Escolar Indígena “Itaputyr”.

Quadro 2 – Conteúdo Programático

3º ANO
3º BIMESTRE
1.A.Ética; 1.1.A.Ética e moral; 1.2.A.Senso moral e consciência moral; 1.3.AA importância da ética na sociedade; 1.4.A.Ética e política: existe uma ética própria da política?; 1.5.AA relação entre ética e cultura indígena; 1.6.AO papel da moral no contexto das relações entre os indígenas Tembé ; 2.AA política; 2.1.AA invenção da política; 2.2.APolítica: uma invenção Grega; 2.3.APerspectiva aristotélica: homem, animal político.

Fonte: Planejamento Anual – Filosofia (2020).

O ritual na minha opinião, na cultura em geral, é sempre expressão de vida, de comunidade, de humanidade que forma-se naquele contexto, da crença, da fé indígena e da religiosidade deles quer dizer o ritual expressa a fé deles na entidade que eles concebem como alguém que protege que é pai, mãe e tal [...] Eles estão celebrando em torno do que eles acreditam sobre qual eles nem tem uma ideia muito clara é algo que é divino que justifica a religiosidade deles (PROFESSOR AMAZONAS, 2020).

O estudo revelou que essas concepções não são evidenciadas no currículo e nos processos pedagógicos, na medida em que foram identificadas: a ocultação da situação colonial de classificação de raça entre civilizado e primitivo; a imposição ontológica europeia de humanização *versus* a humanidade do Povo Tenetehara, por meio da invisibilização e subalternização das memórias orais ancestrais expressas pelos anciões, caciques, pajés e lideranças; a exploração da biodiversidade Tembé pela suposta superioridade do sujeito pensante sobre a natureza e o não-humano, reduzindo-os como objeto de exploração dos recursos naturais.

O estudo evidencia, também, a existência de relações de interculturalidade funcional ao formar mãos de obras para o mercado de trabalho, reproduzindo as contradições sociais estruturais hegemônicas por meio do capital-salário e do patriarcado; bem como pela ausência

efetiva das políticas públicas que cumpram as exigências da legislação vigente na Educação Escolar Indígena da Educação Escolar Indígena na Escola “Itaputyr”.

A concepção de interculturalidade funcional é a que se identifica na escola, não existindo autonomia na gestão escolar, o que possuem é o acesso aos recursos financeiros para administrar a escola e implementar a educação comunitária e democrática, mas ainda se apresenta anexada e submissa ao Estado do Pará, principalmente, na figura da Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC-PA).

O estudo mostra também as contradições nos discursos do que se diz e no que se faz na Educação Escolar “Itaputyr” em relação ao plano de aula, as políticas públicas indigenistas e as dialogadas com o professor de filosofia da escola de uma educação democrática e autônoma, da construção da Escolarização “Itaputyr” pelos interesses da política interna escolar indígena e pelos recursos da Festa do Ritual do Moqueado (wyrá’u haw).

CONCLUSÕES

O estudo evidencia não existir relações entre os saberes filosóficos europeus e os saberes filosóficos da cultura Tembé no Ensino de Filosofia, predominando o saber filosófico eurocêntrico. A partir desta constatação da colonialidade do saber eurocêntrico no Ensino de Filosofia e das relações interculturais funcionais, tanto no currículo como nos processos pedagógicos, sugere-se a revisão do Projeto Político-Pedagógico Curricular e do Ensino de Filosofia da Educação Escolar “Itaputyr” Tembé em uma perspectiva decolonial e intercultural e que sejam incorporados saberes, filosofia e práticas culturais Tembé, com a participação de todos os segmentos da comunidade.

Participação que se dá por meio da oralidade dos anciãos, dos pajés, dos caciques e das lideranças do saberes filosóficos e educacionais subjacentes a Festa do Ritual do Mingau (kàwi’u haw) e do Moqueado (wyrá’u haw) do “Bem Viver” Tembé entre os saberes filosóficos europeus em torno dos problemas filosóficos ao superarem suas contradições e fortalecerem sua dignidade Tenetehara. Sugere-se, ainda, que seja realizada formação permanente do Professor de Filosofia com a comunidade no Ensino de Filosofia, como também seja efetivada a concretização plena dos direitos educacionais escolares indígenas “Itaputyr”.

PALAVRAS-CHAVE: Educação intercultural; Escola Indígena “Itaputyr”; Ensino de Filosofia; Saberes Filosóficos; Colonialidade/Decolonialidade.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Portugal: Edições, 2002.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escola Indígena (DCNEEI). In: BRASIL (Org.). **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (DCNGEB)**. Brasília: MEC, 2013.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília: SF, 2016.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: filosofia. Brasília: MEC, 1997.

_____. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI)**. Brasília: MEC, 1998.

CANDAU, Vera. **Multiculturalismo, educação e direitos humanos**. Rio de Janeiro: DP, 2008.

COELHO, José. **Cosmologia Tenetehara Tembê**: (re)pensando narrativas, ritos e alteridade no alto rio Guamá – PA. 174f. 2014. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas – Museu Amazônico, 2014.

DUSSEL, Enrique. **Filosofias del Sur**: descolonización y transmodernidad. Akal: México, 2016.

_____. **Método para uma Filosofia da Libertação**. Loyola: São Paulo, 1974.

MIGNOLO, Walter. **Historias locais/disenos globales**: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Akal, 2003.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; MOTA NETO, João Colares da. A construção de categorias de análise na pesquisa em educação. In: MARCONDES, Maria; TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno (Org.). **Abordagens teóricas e construções metodológicas na pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2011.

SILVA, Glauber da. **Educação e Culturas do Povo Tembê**: representações sociais e implicações identitárias. 2020. 252f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade crítica e pedagogia Decolonial**: in-surgir, re-existir e reviver. Rio de Janeiro: Letras, 2009.